

REVISTA MARACANAN

Dossiê

Um santo brâmane: a vida e santidade do oratoriano José Vaz na obra de Sebastião do Rego

A holy brahmin: the life and holiness of the oratorian José Vaz in the work of Sebastião do Rego

Ana Paula Sena Gomide*

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Recebido: 10 set. 2018.

Aprovado: 03 dez. 2018.



Pesquisa financiada pela CAPES com bolsa de Doutorado no Programa de Pós-graduação em História da UFMG, linha de pesquisa "História Social da Cultura".

* Doutora em História pela Universidade Federal de Minas Gerais; Mestre em História Social pelo Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; e, graduada em História pela Universidade Federal de Viçosa. (ape.gomide@gmail.com)
CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/635106027701350>.

Resumo

O presente estudo tem por objetivo analisar a construção da "santidade" de José Vaz, um dos membros fundadores da Congregação do Oratório da Santa Cruz dos Milagres de Goa, em 1682, uma "ordem" formada exclusivamente por brâmanes goeses. Canonizado pela igreja católica em 2014, José Vaz foi um dos grandes responsáveis pela manutenção do catolicismo em Ceilão após a expulsão dos portugueses da ilha pelos holandeses em 1658. Através da leitura da obra de Sebastião do Rego intitulada *Chronologia da Congregação do Oratório de Goa*, finalizada em 1746, busco analisar o modo foi construída a santidade de José Vaz bem como compreender a formação e ação de um clero nativo em espaços fora do controle da presença da coroa portuguesa no Oriente, contribuindo assim para um alargamento das pesquisas referentes ao catolicismo asiático.

Palavras-chave: José Vaz. Congregação do Oratório de Goa. Clero Nativo. Santidade. Ceilão.

Abstract

The present study aims to analyze the construction of the "holiness" of José Vaz, one of the founding members of the Congregation of the Oratory of the Holy Cross of Goa's Miracles, in 1682, an "order" formed exclusively by Goan Brahmins. Canonized by the Catholic Church in 2014, José Vaz was one of the great responsible for maintaining Catholicism in Ceylon after the expulsion of the Portuguese from the island by the Dutch in 1658. Through the reading of the work of Sebastião do Rego entitled *Chronology of the Congregation of the Oratory of Goa*, completed in 1746, search to analyze the way was built the holiness of José Vaz as well as to understand the formation and action of a native clergy in spaces beyond the control of the presence of the Portuguese crown in the East, thus contributing to an extension of research concerning Asian Catholicism.

Keywords: José Vaz. Congregation of the Oratory of Goa. Native Clergy. Holiness. Ceylon.

Importante figura para a (re)cristianização de Ceilão, José Vaz foi, no final do século XVII e início do século XVIII, o grande precursor das atividades religiosas católicas em Ceilão após a perda das principais praças portuguesas na região para os holandeses em 1658.¹ Embora o ataque maciço dos holandeses por toda ilha de Ceilão fosse um fato já consumado, este não conseguiu eliminar a influência cultural portuguesa exercida durante mais de um século, período em que a coroa lusitana esteve em Ceilão. Neste sentido, o presente artigo tem como intenção principal analisar a trajetória de vida do importante membro da Congregação do Oratório de Goa, o brâmane goês José Vaz,² reconhecido por manter a presença do catolicismo em Ceilão. Além disso, será analisado o modo como foi construído a “santidade” em torno da figura de José Vaz, especialmente através da crônica de Sebastião do Rego, também membro da Congregação do Oratório, intitulada *Chronologia da Congregação do Oratório de Goa*,³ finalizada em 1746.

A leitura de uma crônica pressupõe uma série de questões que devem ser levadas em consideração, sendo uma delas a atenção dada em especial à estrutura que é desenvolvida na elaboração de determinada obra, tal como alertou Pascale Girard.⁴ Assim, ao nos depararmos com a crônica religiosa de Sebastião do Rego, que buscou evidenciar as qualidades “santas” de José Vaz, nos ateremos aos tópicos escolhidos pelo autor para construir sua narrativa sobre a vida de José Vaz e sua missionação no Ceilão, sem esquecer de que se trata de uma obra escrita em meados do século XVIII, na qual a própria escrita da história tinha como intuito fornecer exemplos a serem seguidos.⁵

¹ O interesse holandês pela ilha de Ceilão remete ainda ao ano de 1602, com a viagem de Joris van Spilbergen à região. Contudo, foi a partir de 1636, que a Companhia Holandesa das Índias Orientais se preocupou em dominar o Índico Central, com o objetivo de expulsar os portugueses da Índia. Neste contexto, ocupar Ceilão era essencial para os holandeses dominarem o Índico, uma vez que a ilha era composta por importantes entrepostos comerciais, especialmente no comércio da canela. A primeira conquista holandesa veio em 1638 com a tomada da fortaleza de Batticaloa. As cidades de Negombo e Galle foram tomadas em 1640, dando início ao fim das principais fortalezas portuguesas no lado sudoeste de Ceilão. Os portugueses foram definitivamente expulsos de Ceilão em Junho de 1658, perdendo também várias praças na costa do Coromandel e portos na Insulíndia. Cf.: FLORES, Jorge Manuel. *Hum curto Historia de Ceylan: Quinhentos anos de relações entre Portugal e o Sri Lanka*. Lisboa: Fundação Oriente, 2001.

² De modo geral, entre as castas hindus de Goa temos os *brâmanes*, sacerdotes, os *vanis*, a casta dos comerciantes, *sonares* dos ouvires, e *cansares* casta dos caldeireiros, os *gaudes*, casta dos agricultores, e as castas dos intocáveis, os *mabares* e os *chamares*. A casta dos os brâmanes ocupava o topo da hierarquia local e gozava de grande prestígio, especialmente por desenvolver atividades sacerdotais e educativas. Entre as castas hindus, os brâmanes foram os que mais usufruíram da política de ascensão dos naturais cristãos de Goa. Ocuparam espaços em quadros médicos, no Tribunal da Inquisição, na Junta da Fazenda, e em cargos eclesiásticos, como os padres oratorianos. Uma da explicação para a participação mais ativa dos brâmanes na vida política, econômica e religiosa de Goa se deve, principalmente, ao estatuto socioeconômico e ao nível cultural que estes possuíam em relação às demais castas. Cf.: LOPES, Maria de Jesus dos Mártires. *Goa setecentista: tradição e modernidade*. Lisboa: Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa - Universidade Católica Portuguesa, 1996, p.102.

³ REGO, Sebastião do. *Chronologia da Congregação do Oratório de Goa*. Lisboa: CHAM, 2009 [1746].

⁴ GIRARD, Pascale. *Os religiosos ocidentais na China na época moderna: ensaio de análise textual comparada*. Macau: CNCDP, 1999.

⁵ ASSIS, Arthur. Por que se escrevia história? In: SALOMON, M. (org.). *História, verdade e tempo*. Chapecó, SC: Argos, 2011, p. 105-132.

A trajetória de vida de José Vaz muito está atrelada a presença do catolicismo no Ceilão do século XVIII, que neste período, se encontrava cercado pelas forças holandesas, contudo, ainda que ameaçado pelos protestantes holandeses, o catolicismo, que havia começado nos tempos de Dharmapala,⁶ não foi inteiramente destruído pela presença holandesa. O catolicismo resistiu às fortes investidas da perseguição calvinista imposta pelos holandeses entre as comunidades locais e desenvolveu fortes raízes em Ceilão, e sua influência cultural era algo que fugia ao controle do poder holandês.⁷

Quando os holandeses assumiram o controle das principais cidades da ilha de Ceilão, passaram a expulsar os missionários católicos que ali se encontravam, perseguiram os cristãos e buscaram introduzir o cristianismo reformado. Contudo, apesar dos esforços holandeses em extinguir o catolicismo, a grande maioria dos convertidos permaneceu-lhe fiel, abrigando em suas casas sacerdotes que entravam às escondidas na ilha, como os carmelitas que faziam incursões ocasionais em Ceilão para realizar batismos e fornecer outros sacramentos. Mas foi somente com a chegada dos oratorianos goeses, em 1687, que o catolicismo foi revitalizado em Ceilão, especialmente a partir das ações missionárias encabeçadas por José Vaz.⁸

Natural de Sancoál, da região de Salcete, em Goa, filho de Cristóvão Vaz e de Maria de Miranda, ambos de casta brâmane, José Vaz nasceu em 21 de abril de 1651. Terceiro de seis filhos do casal, José Vaz mostrava desde muito novo o interesse pelos estudos clássicos e assuntos religiosos. Estudou a língua latina ainda na sua aldeia natal em Sancoál. Continuou seus estudos no Colégio de São Paulo de Goa, que na época ficava a cargo da Companhia de Jesus, e no Colégio de São Tomás de Aquino, pertencente aos dominicanos, também em Goa. Aprendeu filosofia e teologia no Colégio de Nossa Senhora do Rosário, que era administrada pelos dominicanos.⁹

Ao completar 20 anos, José Vaz recebeu as Ordens Menores e, em 1674 e 1675, se tornou subdiácono e diácono, títulos que lhe foram concedidos por D. Custódio de Pinho, brâmane, natural de Salcete, bispo de Hierápolis em Isauria, vigário e comissário apostólico nos reinos de Grão Mogol, Idalxá e Golconda. Em 1676 foi ordenado presbítero por D. Frei António Brandão, Arcebispo primaz das Índias.¹⁰

⁶ A ascensão de Dharmapala ao trono de Kotte em meados do século XVI demarcou uma presença mais sólida de Portugal e do catolicismo sobre Ceilão, onde o próprio rei de Kotte seria uma entidade que prolongaria a autoridade de D. João III nos territórios circundantes. Em 1557 o rei Dharmapala foi batizado pelos franciscanos, adotando o nome de Dom João. Chegou a transferir sua corte para Colombo em 1567 e a doou seu reino para a coroa portuguesa em 1580. Cf.: BIDERMAN, Zoltán. *A aprendizagem de Ceilão. A presença portuguesa em Srī Lankā entre estratégia talassocrática e planos de conquista territorial (1506-1598)*. 2005. Dissertação (Doutoramento em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, p. 368.

⁷ Um exemplo da força do catolicismo romano em Ceilão foi a descoberta na cidade de Jaffna no ano de 1680 de sete escolas e igrejas católicas onde se reuniam cerca de 600 pessoas para celebração da missa. Cf.: GORR, Jurrien Van. *Prelude to Colonialism The Dutch in Asia*. Hilversum: Uitgeverij Verloren, 2004, p. 25; 67.

⁸ LACH, Donald. *Asia: in the making of Europe*. Chicago: The University of Chicago Press, 1965, vol. 2, p. 166.

⁹ REGO, Sebastião do. *Chronologia da Congregação... Op. cit.*, p.411-412.

¹⁰ REGO, Sebastião do. *Vida do Venerável Padre Joseph Vaz da Congregação do Oratorio de S. Filipe Neri da Cidade de Goa, na Índia Oriental, Fundador da laboriosa Missão, que os Congregados desta Casa*

A fama das virtudes de José Vaz, reconhecido como exímio pregador do evangelho se espalhou entre a elite goesa, se tornando no confessor particular do governador do Estado da Índia, D. Rodrigo da Costa, bem como do seu sucessor, Luís Gonçalves Cotta.¹¹ Em 1681, deixou Goa e foi para o reino de Canará, onde exerceu suas primeiras ações como missionário. Ficou na missão do Canará durante quatro anos, onde reformou a igreja de Mangalor e ergueu três igrejas, uma em Barcelor, outra em Gangalim e a última em Calianapor, todas em homenagem à Virgem Maria.¹²

Vale destacar que o envio de Vaz como vigário forâneo, ou seja, responsável por estar à frente de uma vigaria coordenando de atividades pastorais, da missão do Canará foi uma tentativa do arcebispo de Goa para manter certa jurisdição do Padroado português naquela região, além de verificar as ações de outro sacerdote católico, Tomás de Castro, também brâmane, que fora enviado como vigário apostólico pela Propaganda Fide. Contudo, José Vaz reconheceu e legitimou a presença do enviado da Propaganda Fide, sendo então, a sua rapidamente revogada e ele chamado de volta a Goa.¹³

A missão em Canará foi o primeiro passo para o desejo maior do padre José Vaz em empreender uma missão em Ceilão, que se mostrava muito árdua, uma vez que se encontrava sob o domínio dos holandeses que, “desde que entrarão no Senhorio da marinha daquela Ilha, velarão em extirpar a dilatada Fé Catholica, plantada pela Nação Portuguesa”.¹⁴

Por conhecer as dificuldades de agir como missionário católico em Ceilão, José Vaz pediu autorização ao padre Nicolau de Gamboa para que o vendesse como escravo aos holandeses e assim pudesse entrar na região sem causar suspeitas. Contudo, o padre não autorizou esse expediente para a entrada de Vaz em Ceilão e ordenou que voltasse para Goa.¹⁵

Em Goa, Vaz ficou na companhia dos frades Manoel das Entradas e George das Saídas, do Convento do Varatojo de Portugal. Em 1685, se uniu ao padre Pascoal da Costa Jeremias no recolhimento da Santa Cruz dos Milagres, onde ocupou o cargo de superior da congregação.

tem à sua conta na Ilha de Ceylaõ. MDCCXLV, p. 4. Esta obra veio a conhecer duas reedições em português e mereceu tradução para italiano, a partir da qual foi publicada a versão francesa, e para inglês, em versão abreviada: Sebastião do Rego. 1867. *Vida do veneravel padre Joseph Vas [...]*. 2ª ed. de Jacinto Caetano Barreto de Miranda. Margão: Typographia do Ultramar; *idem*. 1962. *Vida do veneravel padre José Vaz*. Introdução de José António Ismael Gracias. 3ª ed. Goa: Imprensa Nacional; *Vita del Venerabile P. Giuseppe Vaz Della Congregazione dell'Oratorio [...]*. Composta in Lingua Portoghese [...], Ed ora in Italiano recata. Appresso Simone Occhi. In Venezia, MDCCLIII; *L'apotre de Ceylan: Le Père Joseph Vaz de la Congregation de l'Oratoire de Saint Philippe Neri*. Par Sébastien de Régo. Traduit de l'Italien sur l'édition imprimée à Venise en 1753, réimprimée à Mangalore en 1897, Par (M^{elle}) J(eanne) Bigard. Caen: V^{re} A. Domin, 1898; *The Life of Father Joseph Vaz Founder of (M^{elle}) J(eanne) Bigard*. Caen: V^{re} A. Domin, 1898; *The Life of Father Joseph Vaz Founder of the Catholic Mission of the Oratory of St. Philip Neri in Ceylon*. Abridged from De Rogo's (sic) Work, by Simon Casie Chitty, Esq. Colombo, 1848.

¹¹ REGO, Sebastião do. *Vida do Veneravel... Op. cit.*, p. 15-16.

¹² REGO, Sebastião do. *Chronologia da Congregação... Op. cit.*, lv. 5, cap. 3, p.415.

¹³ ŽUPANOV, Inês. Goan Brahmans in the Land of Promise: Missionaries, Spies and Gentiles in the 17th-18th century Sri Lanka. In: *Portugal – Sri Lanka: 500 Years*. Ed.: Jorge Flores, South China and Maritime Asia Series. Wiesbaden: Harrassowitz; Calouste Gulbenkian Foundation, 2006, p. 11.

¹⁴ REGO, Sebastião do. *Vida do Veneravel... Op. cit.*, p.19.

¹⁵ *Ibidem*, p.36.

A chegada à congregação do Oratório de Goa foi a porta principal para que José Vaz pudesse, enfim, entrar em Ceilão. Desde a expulsão dos portugueses de Ceilão pelos holandeses, o catolocismo local ficou ameaçado pela falta de assistência religiosa das ordens missionárias, na qual “passavam mais de trinta anos, em que depois de senhoreadas do Holandês as Ilhas de Jafana e Ceilão não tinham visto os catholicos que nelas habitavam, sacerdote que lhes administrasse pasto espiritual”.¹⁶

Foi a partir da entrada de José Vaz na região, em 1687, seguida de outros oratorianos, que se deu de fato continuidade ao catolicismo entre as populações ceilonesas em diversas regiões naqueles sítios, o que não significou a eliminação da dificuldade que tais religiosos tinham em seus trabalhos missionários.

É importante ressaltar que a história da fundação da Congregação está vinculada à figura de Pascoal da Costa Jeremias, natural de Salcete, que junto a mais três outros naturais, lideraram a construção de uma vida religiosa em comunidade. Em *Chronologia da Congregação do Oratório da Santa Cruz dos Milagres*, escrita pelo padre goês Sebastião do Rego e terminada no ano de 1746, encontra-se o relato do início das atividades da congregação:

Desta tão populoza, rica e celebre aldea [Margão], a que outros escritores chamão villa, sahio o Padre Pascoal da Costa Jeremias com seos quatro companheiros, para se congregarem em nome de Deos e para mayor gloria nas cazas da ermida de São João do Dezerto, sitias no monte da freguesia de Guadalupe da Ilha de Goa em Outubro de mil-seis-centos oytenta e dous. E juntos com o devoto paroco Padre Jacome Lourenço assentarão entre huma forma da vida, que sendo apprezentada ao prelado ordinário que então era o Illustrissimo Dom Manoel de Souza de Menezes Arcebispo de Goa, Primás do Oriente a aprovou com sua provisão passada em vinte e sete do dito mez e anno. Tendo tres dias antes precedido licença sua prescrita, em que lhes concedia habitar em clausura e ordenar regras e estatutos a que vivessem sogeytos, prometendo de os confirmar com a sua autoridade ordinária, como o eggeyto os confirmou.¹⁷

Assim, quatro sacerdotes, brâmanes da região de Margão, pertencentes das terras de Salcete, se reuniram em outubro de 1682 no intuito de servir a Deus e reformar suas vidas religiosas. Os religiosos foram morar inicialmente em uma capela de São João do Deserto de Batim, e, ao se revelar imprópria para suas atividades, receberam depois a igreja abandonada da Santa Cruz dos Milagres na cidade de Goa.

O termo “congregação (*congregatio*) deriva do verbo latino *congregare* que significa reunir, criar comunidade sob a orientação de um determinado ideal (carisma) em função do qual são elaboradas regras que devem orientar os membros dessa mesma comunidade”.¹⁸ Contudo, importa destacar que historicamente “até o século XVIII todos os institutos religiosos eram designados em sentido estrito por “ordens religiosas”.¹⁹

¹⁶ REGO, Sebastião do. *Chronologia da Congregação...* Op. cit., lv. 1, cap. 16, p.72.

¹⁷ *Ibidem*, p. 11.

¹⁸ AZEVEDO, Carlos Moreira de (dir.). *Dicionário de história religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo dos Leitores, 2000, v. 1, p. 384.

¹⁹ *Idem*.

Após um longo período de pedidos para aprovar os estatutos da Congregação de Goa, que remetiam aos de Lisboa,²⁰ a elevação da Congregação do Oratório de Goa só veio no ano de 1698, pelas mãos do arcebispo D. Frei Agostinho da Anunciação, dando autorização aos oratorianos para administrar o Santíssimo Sacramento, dar comunhão, dar sepultura, fazer doutrina e práticas espirituais e sair em missão:

Fazemos saber aos que esta nosso provisão virem, que por parte dos clérigos do habito de São Pedro, que vivem congregados por autoridade de nossos antecessores na Igreja da Santa Cruz dos Milagres à semelhança da Congregação do Oratorio da Corte e Cidade de Lixboa de São Filipe Neri, nos foy exposto que eles intentavão fundar huma caza da dita igreja com seus estatutos, acomodados ao clima desta terra e aproximados, em tudo que permite a possibilidade dos naturaes da India, aos estatutos da Congregação de São Filipe de Neri, da Corte de Lixboa e Roma, para nella servirem <a Deos> e aos seus próximos e para os mais naturaes tenham lugar, aonde desapegados do mundo possam com exacção servir a Deos, tratando do bem da sua salvação e juntamente da de seus próximos; porquanto os ministérios dos seus estatutos se dirigem todos ao aproveitamento espiritual dos próximos, por meyo dos santos exercícios da oração mental, praticas espirituais, missoens, administração dos sacramentos e outros de grande piedade [...] praticarem os estatutos que nos apresentavão; administrarem o Santissimo Sacramento aos fieis e terem sacrario, lhes era necessário preceder licença nossa na forma dos sagrados cânones; e portanto nos pedião por serviço de Nosso Senhor, lhes fizessem merce de mandar passar provisão, concedendo-lhes por ella licença e faculdade para erigir e fundar a dita Congregação do Oratorio²¹

Em 1703 a congregação goesa obteve a proteção do rei de Portugal, e em 1707 o papa Clemente IX expediu a bula de confirmação da Congregação do Oratório de Goa sob os mesmos estatutos da congregação de Lisboa.²² Desde que foi organizada pelo padre Pascoal da Costa Jeremias, ainda em 1682, a congregação goesa ressaltava a importância da inserção de clérigos nativos para a expansão da mensagem cristã entre a população local.

Na carta do bispo de Hierápolis em Isauria, o padre brâmane Custódio de Pinho destacou a necessidade de empregar religiosos locais nas práticas de conversão, especialmente por esses terem “semelhança” na língua e cor da pele:

Pelas noticias plenas e experienda ocular que temos de vinte e tres annos que residimos nestas partes da india, em que temos corrido bastantes terras do Norte e Sul por obrigacao pastoral, sahindo proximamente a vizitar as missoes da Serra do Malavar por comissao de sua Santidade e da Sagrada Congregacao de Propaganda Fide, certificamos ser de grande servico de Deos e mayor utilidade das almas andarem nestas terras da índia operarios naturais desta teira, os quaes, pella semelhanca do idioma, cores e trato, entrao nellas com mais facilidade do que os europeos, assistindo entre estes infieis com mais asseitacao delles, com menos perigo de serem conhecidos e excluidos e com a

²⁰ Entre as normas contidas nos estatutos do Oratório de Lisboa se encontram as qualidades necessárias para aqueles que quisessem entrar para a congregação, sendo que: “primeiro, não terão raça alguma de Judeus, Mouro ou mulato, para o que se lhe tiraram exatas inquirições, muito em segredo, por dois padres da Congregação, que escolherão os mais pretendentes”. Tal regra correspondia às normas dos estatutos de pureza de sangue que regulavam, ao menos em teoria, as hierarquias e classificações sociais da sociedade ibérica e de seus espaços coloniais. Ver: Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Cota: Hospital de São José, lv. 1206. Estatutos da Congregação do Oratório.

²¹ Provisão de D. Frei de Agostinho da Anunciação, Arcebispo Metropolitano de Goa, sobre os estatutos e atividades religiosas cabíveis aos oratorianos goeses. In: REGO, Sebastião do. *Chronologia da Congregação...* Op. cit., lv. 2, cap. 16, p. 183.

²² Ibidem, p. 306.

noticia que tem de seus ritos gentlicos e barbaras seitas lhes he mais facil a despersuadi-los delles e reduzi-los a nossa santa fee catholica.²³

Além da semelhança na tez, os estatutos da congregação de Goa enfatizavam a importância do domínio da língua local para facilitar a transmissão das orações, sermões e pregações do evangelho, sendo as línguas nativas evidentemente mais bem aceitas entre os asiáticos do que o português:

Porque a experiência de mais de duzentos e sincoenta anos desde a entrada do domínio lusitano em Goa e nas suas commarcas tem mostrado que a mayor parte dos naturaes não sabem a língua portuguesa, como outra qualquer que nunca ouvirão; e ainda naquelles lugares, em que tem com os Portuguezes mayor communicacção e trato, percebem tão pouco fallão tão superficialmente e com tanta corrupção, que não hé possivel que entendão os sermões em outra língua, que não for a sua materna²⁴

O uso das línguas locais foi assim, um dos pontos de maior destaque dos oratorianos na defesa de suas ações. O domínio da língua chingalá forneceu vantagens aos padres da congregação em Ceilão, pois “este idioma era natural de nossos padres e fallavão com muita elegância e energia”.²⁵

De fato, saber a língua local era algo já reconhecido, aceito e aconselhado por padres de diferentes ordens religiosas desde o início das atividades missionárias no Estado da Índia portuguesa ainda no século XVI. O padre Francisco Xavier recomendava a aprendizagem da língua nativa, como recomendou ao padre jesuíta Henrique Henriques, como forma de enraizar as matrizes cristãs no seio da sociedade goesa. Contudo, os oratorianos se destacariam, pois, além de terem maior contato com línguas nativas, como o concanim de Goa e o chingalá de Ceilão, possuíam qualidades que os europeus não compartilhavam com os indianos, como a semelhança na cor e nos costumes, tal como é ressaltado ainda nos princípios do estabelecimento da congregação de Goa:

Obedecendo ao despacho de Vossa Senhoria li os estatutos da Congregação dos clérigos do Recolhimento da Santa Cruz dos Milagres, que se pretende erigir nesta Cidade de Goa; e que eu há muyto tempo, desejo ver erigida, por me persuadir que se estes reverendos padres se unirem e conservarem no modo de vida que pretendem, poderão ao diante ser de muyto préstimo, assim para a reforma dos costumes dos seus naturaes, como tão bem para a conversão dos gentios, para a qual tem muytas qualidades que lhes facilitarão as empresas das missões, nas quaes poderão entrar e viver livremente; pois os ajudão as cores, o idioma, os costumes e o genio semelhante ao daqueles, com que hão-de tratar.²⁶

As qualidades locais, que haviam colocado os padres goeses em posição subalterna aos portugueses, foram, no contexto da formação da congregação do Oratório de Goa, o ponto crucial para a valorização de suas capacidades como religiosos. A má qualidade da terra, o

²³ NUNES, M. da Costa (ed.). *Documentação para a História da Congregação do Oratório de Santa Cruz dos Milagres do clero natural de Goa*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1966, p. 51-52.

²⁴ Observância regular da Congregação do Oratório de Goa do ano de 1710. In: REGO, Sebastião do. *Chronologia da Congregação...* Op. cit., lv. 4, cap. 10, p. 379-280.

²⁵ Relato de Frei de Agostinho da Anunciação, Arcebispo Metropolitano de Goa, sobre os oratorianos. In: REGO, Sebastião do. *Chronologia da Congregação...* Op. cit., lv. 2, cap. 15, p. 177.

²⁶ Carta do padre Francisco Simões da Companhia de Jesus, reitor do Colégio de Rachol, sobre o despacho dos estatutos da Congregação do Oratório de Goa In REGO, Sebastião do. *Chronologia da Congregação...* Op. cit., lv. 1, cap. 18, p. 81.

péssimo clima e a debilidade da gente natural, aspectos que tantas vezes foram ressaltados por escritores do século XVI e XVII como forma de descrever negativamente os indianos, deram espaço para a exaltação da condição do ser nativo para o trabalho missionário nas terras orientais.

Tal como destaca Inês Županov, os oratorianos conseguiram manipular a proximidade que tinham com as qualidades dos nativos (cor e língua) como forma de enaltecer seu trabalho e se destacarem perante os demais religiosos.²⁷ Se por vezes missionários de outras ordens apresentavam dificuldade no aprendizado das línguas locais asiáticas, os oratorianos possuíam grande familiaridade com as línguas nativas, transcrevendo catecismos e orações em língua nativa, como o chingalá, conforme relatavam em cartas.

Importa ressaltar que, uma vez que os oratorianos goeses tiveram que aprender as línguas nativas de Ceilão, como o tâmul e o chingalá, a sua língua materna era a língua vernácula de Goa, o concaninim.²⁸ De origem indo-europeia, derivada do sânscrito, o concaninim era a língua falada comum a todos os naturais de Goa. A referência mais antiga à língua vernácula de Goa está na *Suma Oriental* de Tomé Pires que, em 1514 escreveu: “a língua falada neste reino é *Konkani* [...] A língua do reino de Goa não é semelhante a de Deccan, nem como a de Narsinga, mas é uma língua separada”.²⁹ O jesuíta Henrique Henriques, que se preocupou em conhecer as línguas malabares em 1567, chegou a traçar comparações entre a língua tâmul e o concaninim, afirmando que “poucas palavras são semelhantes em ambas as línguas [...] a canarim todavia hé mais dificultosa”.³⁰

Ao jesuíta Thomas Stephens foi atribuída a tradução para a língua concaninim do mais importante catecismo divulgado na Índia, *A Doutrina Christam*, de autoria do jesuíta Marcos Jorge, publicado em 1616. Em Rachol, localizada em Salcete, no ano de 1622, Thomas Stephens traduziu a obra, agora intitulada *Doutrina Christam em lingoa bramana canarim*.³¹

De fato, o aprendizado da língua concaninim foi uma preocupação entre os missionários, especialmente entre os jesuítas.³² Nas escolas das aldeias de Goa a doutrina cristã era ensinada em concaninim. Dicionários, catecismos e gramáticas em língua local, publicadas ainda na primeira metade do século XVII, pelos missionários, revelam a necessidade de os religiosos

²⁷ ŽUPANOV, Inês. Goan Brahmins in... *Op. cit.*, 2006, p. 8.

²⁸ Sobre a língua concaninim, ver: RIVARA, Joaquim Heliodoro da Cunha. *Ensaio Histórico da Língua Concani*. Nova Goa: Imprensa Nacional, 1858.

²⁹ PIRES, Tomé. *The Suma Oriental of Tome Pires and Account of the East, From the Red Sea to Japan, Written in Malacca and India In 1512-1515*. Ed.: Armando Cortesão. Vol I. Londres: Hakluyt Society, 1944, p. 54.

³⁰ WICKI, José. *Documenta Indica (1566-1569)*. Romae: Monumenta Historica Societatis Iesu, 1962, v. VII, p.442.

³¹ XAVIER, Ângela Barreto. *A invenção de Goa: Poder Imperial e conversões culturais nos séculos XVI e XVII*. 2003. Dissertação (Doutoramento) - Instituto Universitário Europeu, Florença, p. 368.

³² Vale ressaltar que os franciscanos também produziram textos em língua local, como por exemplo, o trabalho do frei João de São Matias, que além de ensinar concaninim no Colégio dos Reis Magos, em Bardez, traduziu o *Symbolum fidei* do Cardeal Belarmino para o concaninim. Frei Gaspar de São Miguel escreveu uma *Arte da Língua Canarim* e dois vocabulários em concaninim. No Ceilão, frei Manoel de São Matias criou uma espécie de escola de línguas locais no final do século XVI. Frei Pedro de São Brás teria escrito uma gramática e vocabulário em cingalês. Cf.: SOUZA, Patrícia Faria de. *A conversão das almas do Oriente: Franciscanos, Poder e Catolicismo em Goa: séculos XVI e XVII*. 2008. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, p. 186.

entrarem em contato direto com o uso da língua nativa. Foi somente no fim da segunda metade do século XVII que o português foi imposto como língua oficial, numa tentativa de suprimir o concanin, que nunca chegou a desaparecer do cotidiano dos goeses.³³

Neste sentido, cabe salientar o universo linguístico existente no império português no Oriente. A mistura de vocábulos locais como o concanin, tâmul, chingalá com o português, foi compartilhada e transmitida por gentes de diversas qualidades. Missionários, viajantes europeus, indianos, mestiços e escravos estavam constantemente em contato com essas línguas e suas mesclas, resultado de um esforço comum em aproximar mundos linguísticos diferentes.³⁴

Conforme aponta Serge Gruzinski, a globalização das línguas ibéricas, bem como do latim e do italiano, não impediu a formação de intensos processos de mestiçagens no modo como as línguas eram manipuladas pelos mais diversos indivíduos em seus mais variados contextos. A imposição do português como língua oficial do império português caminhou simultaneamente ao lado da aprendizagem das línguas nativas, que no cotidiano, foi sendo modificada e transformada, tanto por portugueses como por asiáticos. Segundo o autor “assim como as imagens mestiças não cessam de proliferar, as palavras, as expressões se transformaram, se africanizam, se indianizam, se crioulizam”.³⁵

Conhecedores das línguas nativas e do português, os oratorianos goeses circulavam em grande medida pelas regiões de Bardez e Salcete, mas a principal área de atuação dos congregados foi em Ceilão, que na época já estava sob domínio holandês, conforme mencionada anteriormente. O padre José Vaz foi o principal responsável pela renovação das atividades missionárias na ilha de Ceilão, sendo considerado pelos seus companheiros de congregação como exemplo de zelo e serviço aos desejos divinos na tarefa de espalhar o evangelho pelo Oriente.³⁶

Canonizado recentemente pela Igreja Católica no dia 14 de Janeiro de 2014, em visita do papa Francisco ao Sri Lanka, José Vaz, nativo da Índia, tornou-se santo o que faz de sua figura uma peça fundamental para compreender o catolicismo que foi construído em Ceilão ainda no início do século XVIII. O anúncio desta canonização já vinha desde a beatificação de José Vaz, em 1995, pelo papa João Paulo II, também durante uma visita ao Sri Lanka. Um primeiro processo de beatificação, iniciado na primeira metade do século XVIII, fora cancelado em 1742, alegadamente por motivos formais ligados à deficiente instrução do processo.

³³ SOUZA, Teotónio R. de. *Goa Medieval: a cidade e o interior no século XVII*. Lisboa: Estampa, 1994, p. 94.

³⁴ Diogo Ramada Curto destaca o surgimento do primeiro vocabulário malaio-português, constituído por 138 palavras da “linguagem de Calecut”, fornecidas ao autor do *Roteiro* da primeira viagem de Vasco da Gama pelos homens locais capturados pelos portugueses. Outro exemplo deste tipo de interesse linguístico foi uma listagem de 426 palavras em malaio com tradução para o italiano feita por Antonio Pigafetta. Esses vocabulários tinham um caráter prático incidindo nas expressões que eram utilizadas na navegação, comércio e vida cotidiana. Cf.: CURTO, Diogo Ramada. *Cultura Imperial e Projetos Coloniais (Séculos XV a XVIII)*. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2009, p. 43.

³⁵ GRUZINSKI, Serge. *As quatro partes do mundo*. História de uma mundialização. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014, p. 408.

³⁶ *Ibidem*, p. 300.

A canonização de José Vaz representa uma importante contribuição para a história e memória do cristianismo na Ásia, e muito dessa memória se deve às obras escritas em torno da figura do padre brâmane e da congregação do Oratório de Goa durante os séculos XVIII a XX.

A organização da memória, seja ela no âmbito pessoal ou coletivo, exige disputas e conflitos para que possa ser construída e divulgada pelos mais variados agentes de memórias. Conforme sublinhou Michael Pollak, a memória é colocada de forma a desenvolver um sentimento de identidade de um grupo ou de uma pessoa em sua relação com o outro, por meio de negociações, credibilidade e admissibilidade direta com o meio social.³⁷ Desse modo, ao nos depararmos com as obras de cunho religioso em torno da memória de José Vaz e da congregação do Oratório de Goa estamos diante de um grupo específico que tem por interesse relatar a trajetória dos oratorianos e edificar suas ações.

É importante entender que as narrativas religiosas, escritas em modelos de cartas, manuais, relatórios, livros, etc, assumiram desde o século XVI uma função que ia além de informar sobre o que se passava nas missões. Era necessário glorificar os feitos dos missionários, servindo de exemplo para os demais, e criar uma memória edificante das ordens religiosas.

Um dos primeiros a escrever sobre a vida de José Vaz e traçar um histórico da formação da congregação do Oratório de Goa foi, o também oratoriano, Sebastião do Rego, autor da *Chronologia da Congregação do Oratório de Goa e Vida do Venerável Padre José Vaz*, que já citamos anteriormente. Filho de Nicolau do Rego e Ana Maria de Melo, brâmanes, Sebastião do Rego nasceu em Neurá, em Goa. Frequentou o Colégio de São Paulo, instituição jesuítica onde estudou latim, e terminou sua formação no colégio dominicano de S. Tomás de Aquino onde cursou teologia.³⁸

Sebastião do Rego tornou-se vigário da igreja de Nossa Senhora do Bom Sucesso de Bednore, no Canará, e foi transferido para a igreja de Nossa Senhora do Rosário de Mangalor em 1728. Foi vigário da Vara das Missões do Canará, e ingressou na Congregação do Oratório de Goa em 1730.

Após oito anos de serviço na congregação, Sebastião do Rego começou a escrever sua obra *Vida do Venerável Padre José Vaz* a partir das cartas e da documentação contida nos arquivos da instituição. A compilação da *Chronologia da Congregação do Oratório de Goa* veio depois, sendo considerada obra complementar da *Vida do Venerável Padre José Vaz* e terminada no ano de 1746.

Em 1752 Sebastião do Rego entrou para a ordem dos teatinos, uma vez que considerava que a congregação do Oratório não correspondia a um instituto monástico, que era o seu verdadeiro voto. Na ordem dos teatinos, foi Visitador e Revisor do Tribunal do Santo Ofício, deputado da Junta das Missões e Prefeito entre os anos de 1761-1763. Sobre a sua

³⁷POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 204.

³⁸ LOPES, Maria dos Mártires. Estudo Introdutório. In: REGO, Sebastião do. *Chronologia da Congregação do Oratório de Goa*. Lisboa: CHAM, 2009, p. XVIII.

morte pouco se sabe, mas a herança histórica e literária de Sebastião do Rego é constituída principalmente pelas obras que dedicou à vida do padre José Vaz e da congregação do Oratório.³⁹

A construção da *Chronologia* do padre Sebastião do Rego foi dividida em cinco livros, sendo o último dedicado a evidenciar a vida santa do padre José Vaz, aspecto este que faz a obra se assemelhar à escrita hagiográfica.⁴⁰ A história do padre José Vaz foi exposta como um exemplo de vida e ação missionária. Descrito como grande responsável pelas intervenções oratorianas em Ceilão, José Vaz é exaltado como figura santa pelas suas qualidades e zelo missionário.

Entre os argumentos usados por Sebastião do Rego na construção da memória da santidade de José Vaz estava à prática da caridade, da humildade, do amor ao próximo e sua fé. Tanto na *Vida do Venerável* como na *Chronologia*, Sebastião do Rego destaca tais atitudes como intrínsecas ao padre José Vaz. Descreveu que Vaz tão “ocupado andava no amor de Deos, e tão esquecido vivia de si! Desejava saber cumprir em tudo a vontade Divina, e que todas as suas ações, com todas as circunstâncias, e por todos os modos fossem de agrado do Senhor, a quem amava”. Fazia votos para que ninguém o identificasse como Vigário Geral da Missão e Superior dos Missionários de Ceilão, nem construísse igrejas em seu nome, como forma de demonstrar sua humildade.

A dedicação de Vaz à vida religiosa para com os habitantes de Ceilão era enaltecida por Sebastião do Rego, descrevendo que José Vaz passou fome, sede, perigos de ordem natural e perseguições por parte dos holandeses durante sua missionação na ilha. Para corroborar seus argumentos, de que Vaz seria um homem virtuoso, Sebastião do Rego usou relatos de outros religiosos que, contemporâneos dele, enalteciam as ações do padre goês, tal como fez o padre Pedro da Saldanha ao descrever a humildade de José Vaz e o reconhecimento por parte dos próprios cristãos locais que o enxergavam como santo:

O seu vestir he huma loba, que não tira, senão nas terras dos Holandezes; e não hade vestir outra, até que a vestida não tenha já serventia. Leva nella tantos remendos, que os Christãos já de não a poder ver taõ remendada, pedem-lhe por amor de Deos, que vista outra; e de proposito eles mesmos dão feita, e tomaõ a remendada por sua devoção, e a guardão como relíquia. Elle com a sua vida he huma tocha aceza: *Lucerna ardeus*. Eu não tenho nelle notado cousa extraordinária, mais do que tenho dito, que não he pouco; porém os Christãos tem nelle notado muito mais; suspirão por ele, e o desejão ver, para o meterem dentro o seu coração. O que eu posso dizer delle he: [...]A

³⁹ Para além da *Chronologia* e da *Vida Venerável*, Sebastião do Rego também escreveu *Sermão de Nossa Senhora do Carmo*, pregado em 25 de março de 1747 e publicado em Lisboa em 1749, *Sermão de Santa Cruz dos Milagres*, titular da Congregação do Oratório de Goa, que no anno de 1745 recitou e dedicou à Magestade Fidelíssima de El-Rei D. José I, publicado em Lisboa no ano de 1759, e o *Sermão da Santa Cruz dos Milagres com Sacramento Exposto* e *Noticia Compendiosa da Fundação da Congregação do Oratório de Santa Cruz dos Milagres da Cidade de Goa. Dos princípios e progressos da Missão de Ceilão cultivada pelos padres dela e das Vidas Virtuosas de alguns dos ditos padres*. Cf.: LOPES, Maria de Jesus dos Mártires. *Goa setecentista... Op. cit.*, p. XV.

⁴⁰ Segundo Michael de Certau, a hagiografia é um gênero literário, que, no século XII, chamava-se também de hagiologia ou hagiológica, na qual privilegia os atores do sagrado (os santos) e visa a sua edificação. Cf.: CERTAU, Michael. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1992, p. 251.

virtude he, que faz milagres, e não o milagre virtude: a vida do Padre he hum milagre.⁴¹

Além disso, um dos assuntos mais típicos de uma narrativa hagiográfica é a predestinação à santidade. Assim, desde o nascimento de José Vaz é ressaltada a sua vocação para com a vida religiosa e apostólica. Em *Vida Veneravel*, Sebastião do Rego narrou que, ainda estando no ventre da mãe, o pai de José Vaz sonhou que iria nascer um menino, que iria ser um grande homem e reconhecido por seus feitos. E, no dia do seu nascimento, surgiu no céu na mesma hora uma estrela resplandecente, que foi interpretada como mensagem divina de iluminação sobre a vida de José Vaz.⁴²

A temática dos milagres também é algo a se destacar, uma vez que os próprios oratorianos eram conhecidos como “Milagristas”. De acordo com Raphael Bluteau milagre significa “obra de onnipotência divina”;⁴³ “obra sobrenatura & superior às forças dos agentes naturais, como as que Jesus Christo fez pelo seu poder Divino, ou que pelo mesmo Divino poder obrão os santos, para credito da Fé, gloria de Deus, etc”.⁴⁴ Poder divino no percurso natural das coisas, os milagres estavam presentes nas discussões teológicas da época moderna e consequentemente, nas obras religiosas.

As descrições milagrosas de determinados grupos eram usadas de forma a justificar sua importância e ressaltar sua posição na sociedade. Segundo Ângela Barreto Xavier, os milagres, descritos nas narrativas religiosas, tinham como uma das principais funções cumprir com objetivos pragmáticos, orientados para conferir a determinada ordem uma memória apologética.⁴⁵

A própria fundação da congregação do Oratório de Goa esteve relacionada diretamente com um milagre, pois o local em que foi instalada, no monte da Boavista, era onde supostamente Jesus Cristo teria aparecido miraculosamente em uma cruz, fato este que foi sublinhado por Sebastião do Rego em seus escritos:

Porque, querendo o nosso Redemptor acender nos nossos coraçoens a chama do seo amor, com a lembrança da mayor fineza que lhe devemos assym como em outros tempos para inflamar a frieza do mundo, appareceo no Monte Alverna crucificado ao serafico Padre São Francisco, e imprimindo nelle as suas chagas, gloriosos caracteres da nossa redempção, despertou o descuydo humano para a memoria e correspondencia do seo amor infinito; para o mesmo fim que, por ser de tanta gloria sua pertendeo sempre dos homens e o devemos assim entender, se dignou de aparecer em publica e ocular visão humana, duas e tres vezes repetida, crucificado na cruz do Monte de Boavista com tantas prevençoens antecedentes e tantas evidencias subsequentes, que não ficasse lugar de duvidar de tão prodigiosas e insolitas apariçoens.⁴⁶

Milagres também foram descritos em proveito de José Vaz, intervindo diretamente na sua vida. Sebastião do Rego relatou que, em diversas passagens de suas obras, José Vaz só

⁴¹ REGO, Sebastião do. *Vida do Veneravel... Op. cit.*, p. 277-278.

⁴² *Idem*.

⁴³ BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico...* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 - 1728. vol. V, p.481.

⁴⁴ *Idem*.

⁴⁵ XAVIER, Ângela Barreto. *Correo logo a fama do milagre. Narrativas misionárias, motivações e devoções num Oriente imaginado*. Lisboa: Centro de História da Cultura Terramar, 1999, p. 210.

⁴⁶ REGO, Sebastião do. *Chronologia da Congregação... Op. cit.*, lv. 1, cap. 4, p. 20.

conseguiu sair de perseguições religiosas, do estado de fome e doença por meio de intervenção divina, como ao afirmar que lhe “acodio a bondade divina com prompto remédio, dando-lhe saúde milagrosa sem medicamento algum mais que hum caldo de arroz, que na India chamamos canja”.⁴⁷ Em outras situações, era narrado que José Vaz escapou de um elefante que corria em direção a ele e seus companheiros, mas que chegando próximo ao padre tomou outro rumo, deixando todos surpresos.⁴⁸

Ao padre goês também são atribuídos alguns milagres, como quando esteve no reino de Puliaculão, ao curar um gentio da condição de estéril, que após ser batizado pelo padre conseguiu logo ter um filho com sua esposa.⁴⁹ Outro se refere a um longo período de seca que o reino de Kandy estava enfrentando. Estando José Vaz naquele reino, ergueu em praça pública um pequeno altar, e ao começar a orar, junto com os cristãos que se juntaram a ele, começou a chover, sendo considerado “benção de Deos, que chovia a sua misericórdia sobre a terra; verificando-se prompta, e visivelmente o que Santo Agostinho disse da efficacia da Oração, que quando a Oração do Justo sobe, desce a misericórdia de Deos”.⁵⁰

Toda a retórica elaborada por Sebastião do Rego tem como função principal evidenciar uma “excepcionalidade” das ações empreendidas por José Vaz. Todos os elementos elencados pelo autor são colocados de forma intencional para aproximar José Vaz aos modelos edificantes reconhecidos e consagrados pela Igreja Católica. Uma vida dedicada ao exercício da fé, da caridade, da humildade e dos bons princípios cristãos, José Vaz foi descrito como alguém que vivia conforme a vontade divina.

Assim, enquanto membro da Congregação do Oratório de Goa e principal biógrafo de José Vaz, Sebastião do Rego reforçou em seus escritos a imagem de santidade de Vaz, sendo que esta foi construída de acordo com a agenda e os objetivos dos fundadores e continuadores daquela comunidade eclesiástica. Vale destacar, que não há relatos que o padre Sebastião Rego esteve em missão no Ceilão ou que teria missionado em alguma outra região, porém, a sua figura é associada como de grande importância para a escrita da doutrina cristã e para a história religiosa da Congregação de Goa.⁵¹

De fato, os principais responsáveis pela manutenção e divulgação da memória de José Vaz foram os próprios membros da congregação do Oratório, que continuaram os trabalhos de exaltação da figura do padre goês durante a passagem dos séculos. Neste sentido, pode-se citar o esforço do padre Giuseppe del Libero, postulador da Beatificação de José Vaz na década de 50 do século XX, em publicar um livro em 1955 em homenagem às ações de Vaz no reino de Ceilão.

⁴⁷ REGO, Sebastião do. *Chronologia da Congregação...* Op. cit., lv. 1, cap. 4, p.67.

⁴⁸ REGO, Sebastião do. *Vida do Veneravel...* Op. cit., p. 243-244.

⁴⁹ *Idem*.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 77.

⁵¹ RIBEIRO, Lorhany Cordeiro. *Chronologia da Congregação do Oratório de Goa: a construção da santidade do padre José Vaz na crônica de Sebastião do Rego*. 2015. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica (RJ), p.85.

Com o título *Pe. José Vaz Aventureiro de Cristo*,⁵² publicado em Goa, Guiseppe del Libero, traça um esboço da criação da congregação goesa e dos passos dados por José Vaz em Ceilão. Guiseppe del Libero justificou e qualificou sua obra ao destacar uma ausência de trabalhos sobre a vida de José Vaz que, segundo o autor, permaneceu por muitos séculos na obscuridade, devido às questões de isolamento de Ceilão em relação ao resto do mundo, às questões de caráter nacional e racial, aos interesses pessoais e de partidos políticos e, até mesmo, às disputas religiosas.⁵³

Com o objetivo claro de enaltecer os trabalhos missionários na Índia, sendo José Vaz o maior exemplo de missionário, Guiseppe de Libero buscou reforçar que Vaz “seria o primeiro Santo a merecer as honras dos altares sem ter percorrido a senda extraordinária, e, por isso mesmo, não acessível a todos, do martírio, pois o mérito sobrenatural obteve-o através da confissão de Cristo, mediante a prática da vida sacerdotal e cristã”.⁵⁴

Santo de origem asiática, José Vaz foi descrito na narrativa de Guiseppe del Libero como grande homem, que, em vida, teve como sentido maior a conquista de almas para igreja católica. Nomeando-o de aventureiro de Cristo, pois ressaltou que José Vaz foi sozinho a reinos distantes para levar a palavra do evangelho para todas as mais gentes, como faziam os grandes aventureiros ao conquistar reinos e povos para o seu Rei. O autor usou dos mesmos elementos utilizados por Sebastião do Rego, ainda no século XVIII, para justificar a santidade do oratoriano.⁵⁵

Guiseppe del Libero ressaltou a infância de José Vaz dedicada aos estudos e à vida religiosa. Descreveu seu apelo extraordinário no zelo apostólico e suas atividades na Missão do Canará até sua entrada na congregação do Oratório de Goa. Chegou a comparar o ardor das penitências que José Vaz fazia à paixão de Cristo, ao descrever que Vaz “trazia em redor da cabeça, qual coroa de espinhos, um cilício de pontas agudas e servia-se de cadeias para espancar o seu corpo”.⁵⁶

Sem revelar as fontes com as quais trabalhou para elaboração de sua obra, Guiseppe del Libero salientou a caridade como parte importante da característica de José Vaz. O cuidado que José Vaz tinha com os carentes, pobres e doentes, sem distinguir católicos, hereges e pagãos, reforçava seu fervor apostólico e, assim, a sua humildade, dois grandes pontos na construção da santidade de Vaz.⁵⁷

Desse modo, toda narrativa de Guiseppe del Libero girou em torno de apontar as qualidades e virtudes de José Vaz para que este possa ser considerado santo, além de sublinhar a importância de suas ações para a permanência do cristianismo em Ceilão:

A fama que ele adquiriu pela sua extraordinária atividade, pelas suas virtudes heroicas pelos seus singulares prodígios, permaneceu indelével na memória de

⁵² LIBERO, Guiseppe del. *Pe. José Vaz, aventureiro de Cristo, apóstolo de Ceilão, fundador da Congregação do Oratório de Goa*. Goa: Postulação Geral do Instituto do Oratório, 1955.

⁵³ *Ibidem*, p.1-2.

⁵⁴ *Ibidem*, p.4.

⁵⁵ *Ibidem*, p.6.

⁵⁶ *Ibidem*, p.18.

⁵⁷ *Ibidem*, p. 25.

todos, e ainda em nossos dias, ele é considerado, sobretudo nos lugares onde exerceu o seu apostolado, como um grande santo. [...] É à sua acção e intervenção que se deve o catolicismo, já agonizante, em Ceilão, não ter sucumbido à feroz perseguição dos Holandeses.⁵⁸

A condição de santo de José Vaz estava, assim, ligada diretamente à importância dos oratorianos na manutenção do catolicismo naquela região. Outra importante biografia do padre José Vaz publicada em Goa em 1957 é obra de autoria de Constâncio Roque Monteiro.⁵⁹ Desenvolvido a partir de um pequeno texto escrito em 1943 intitulado "Candia gloriosa - Candia dolorosa - o Bom Pastor",⁶⁰ *A Epopeia do Escravo* de Constâncio Roque Monteiro seria uma obra redigida do seu livro *Aventureiro e Santo*, título semelhante ao de Guiseppe del Libero.

A alteração do título original para o título definitivo - *A Epopeia do Escravo* - busca reforçar a ideia de que José Vaz abdicou da própria vida em prol da sua missão pelo Ceilão. O título alude, sobretudo, ao facto de, ainda jovem, se ter declarado solenemente "escravo perpétuo da Virgem Mãe de Deus", assim como à sua intenção, estando em Mangalor, de entrar frequentemente disfarçado em Ceilão de escravo, para fugir das vigilâncias dos holandeses.

Ao contrário do padre Sebastião Rego, que demarca o dia de nascimento de José Vaz como início de sua santidade, Roque Monteiro parte da consagração do padre Vaz à Virgem como ponto de partida de sua narrativa e a qual vai conferir uma legitimidade adicional à figura de Vaz como santo predestinado por Deus.⁶¹

As fontes primárias usadas por Roque Monteiro para construir a sua biografia são as numerosas cartas do padre Vaz existentes na Biblioteca da Ajuda, e que hoje encontram-se reunidas e publicadas por M. da Costa Nunes.⁶² Entre as fontes cuja ausência mais se faz sentir, conta-se a *Chronologia da Congregação do Oratório de Goa e Vida do Veneravel Padre Joseph Vaz*, do padre Sebastião do Rego.

De um ponto de vista formal, nesta biografia, escrita em estilo de romance histórico, o autor procura reconstruir episódios da vida de José Vaz, descrevendo "as forças sobrenaturais e divinas que supostamente regem a vida do santo". A obra de Roque Monteiro também pode ser classificada no gênero hagiográfico, apesar de ter se esforçado em reunir um corpo documental capaz de validar as informações históricas contidas na sua narrativa. Contudo, a intenção do autor era de criar uma narrativa apologética e edificante de José Vaz.

Vale destacar que no tricentenário da vida de José Vaz, Domingos Maurício, jesuíta, membro da revista *Brotéria*, fundada em Lisboa em 1902, que tem como objetivo promover estudos sobre assuntos relacionados à fé católica, ciência e cultura religiosa, escreveu um longo texto em homenagem ao padre goês. Na sua publicação, Domingos Maurício destacou a

⁵⁸ LIBERO, Guiseppe del. *Pe. José Vaz...* p. 31.

⁵⁹ MONTEIRO, Constâncio Roque. *A Epopeia do Escravo. Pe. José Váz no quadro geográfico, histórico, religioso e psicológico da sua época*. Edição da Biblioteca Xaveriana. Tipografia Xaveriana. Goa: Pilar, 1957.

⁶⁰ *Boletim Eclesiástico da Arquidiocese de Goa*, Série II, ano II, n. 6, p. 172-77.

⁶¹ RIBEIRO, Lorhany Cordeiro. *Chronologia da Congregação...* *Op. cit.*, p. 112-113.

⁶² NUNES, M. da Costa (ed.). *Documentação para a...* *Op. cit.*

importância de José Vaz não somente para a coroa portuguesa, mas também para a defesa do catolicismo na Índia cristã, que encontrou na figura de Vaz um forte aliado na interlocução entre nativos e portugueses.⁶³

Com uma clara escrita glorificante das ações do oratoriano e da inserção do mundo português no Oriente, Domingos Maurício aliou a história da congregação do Oratório de Goa e da trajetória de vida de José Vaz à influência que a cultura ocidental ultramarina exerceu sobre os asiáticos e como esta repercutiu sobre Portugal.

A obra de Domingos Maurício foi escrita em meados do século XX, em que termos como raça, cultura e civilização são os principais definidores das sociedades e colaboradores de teorias que buscam justificar o domínio, superioridade e preconceito de uma sociedade sobre outra. O termo raça aparece associado a José Vaz para identificar sua identidade local e sua proximidade com os indianos. Ao colocar de modo favorável a contribuição de um nativo para o catolicismo no Oriente, José Vaz é considerado: "Representante da sua raça, da sua gente, da sua cultura, com talentos riquíssimos de inteligência e de coração, com tonalidades indeléveis de originalidade e receptividade, é por igual, o representante da inserção da cultura ocidental cristã de modalidade portuguesa na cultura milenária da Índia."⁶⁴

A condição de brâmane foi posta por Domingos Maurício como principal fator da importância de José Vaz para a memória do cristianismo no Oriente e um forte exemplo de diálogo inter-religioso. Com um olhar congruente para as relações estabelecidas entre portugueses e nativos, de um espírito universalista das relações humanas, de comunhão entre as culturas, o jesuíta ressaltou as fronteiras fluidas entre uma cultura e outra:

Foi por mandado de Deus e comissão da Santa Igreja. Foi com o desejo de comunicar, dando e recebendo, no espírito e na carne, no social e no econômico, no material e no cultural. Não foi a exterminar raças ou alargar espaços vitais próprios, restringindo os alheios; foi a criar consciência universal no temporal e no eterno, dentro duma nova realidade comunitária, até realizar esta coisa inédita, em nossos dias, na história das chamadas nações colonizadoras extrapeninsulares: uma comunhão de raças e civilizações, em que tanto entra a nesga metropolitana com a vastidão ultramarina, onde a liberdade, igualdade e fraternidade específicas são um facto [...]. Portugal não foi à Índia só para dar cultura; foi também para recebê-la. Se foi com intuito de subjugar, quando necessário, foi também com disposição de submeter-se. Não foi só para impor um modo de ser próprio; foi igualmente, para receber influências salutare de modos de ser estranhos⁶⁵

Diferente das obras de Sebastião do Rego, Guiseppe del Libero e Constâncio Roque Monteiro, que procuraram exaltar a santidade de José Vaz, Domingos Maurício evidenciou a figura de Vaz enquanto homem brâmane, que, na condição de apóstolo de Ceilão, foi um dos mais importantes representantes da cultura local em comunhão com os interesses de Portugal em se estender política e culturalmente sobre os espaços orientais.

Assim, tais narrativas, escritas em diferentes línguas e contextos, publicadas no Ocidente e no Oriente, indicam que a construção da memória em torno da figura de José Vaz e

⁶³ MAURÍCIO, Domingos. O espírito universalista português e a comunhão intercontinental de culturas. No tricentenário do V. Pe. José Vaz. *Brotéria*, v. III, fasc. 23, ago./set. 1951.

⁶⁴ *Ibidem*, p. 191.

⁶⁵ *Ibidem*, p.190.

da congregação do Oratório de Goa mobilizaram o imaginário da época até a segunda metade do século XX.

Se Ceilão estava sob domínio holandês a partir de meados do século XVII, a sobrevivência da religião católica continuava a ser uma realidade, especialmente através da renovação das missões católicas enviadas à ilha por iniciativa dos oratorianos de Goa. As ações dos oratorianos representaram uma inovação na história da prática missionária cristã no Oriente. Fundada e formada exclusivamente por clérigos nativos, a Congregação do Oratório de Goa ultrapassou os limites do Estado da Índia, atingindo territórios que a coroa portuguesa não mais dominava, como foi o caso do Ceilão.